

PARDO DE GUEVARA Y VALDÉS, Eduardo. *De Linajes, Parentelas y Grupos de Poder. Aportaciones a la historia social de la nobleza bajomedieval gallega*, Madrid: Fundación Cultural de la Nobleza Española, 2012. 512 págs. + X págs. inums. + XVIII tábuas genealógicas (desenho heráldico de Xosé Antón García González Ledo).

Sempre considereirei que a reedição de trabalhos, sob a forma de colectâneas de estudos, era um dos melhores serviços prestados à Historiografía de qualquer país, e particularmente proveitosa para aqueles que trabalham na mesma área ou áreas a que o respectivo Autor ainda dedica, ou dedicou grande parte da sua vida como investigador, sublinhando-se assim, por outro lado, e como é natural, que ambos, Autor e Obra, tiveram um significado relevante no quadro da sua especialidade.

Tudo isto vem a propósito da recente publicação da colectânea referida em epígrafe, que reúne um conjunto de estudos sobre a nobreza galega dos séculos XIII a XVI. Sobre essa colectânea, em geral, ou sobre um ou outro desses estudos com mais detalhe, já irei tecer alguns comentários, mas é sobre o seu Autor que gostaria de deixar as primeiras impressões. Desde já direi ao amável Leitor, que me unem a Eduardo Pardo de Guevara laços que vão muito para além de um convívio académico e científico com perto de trinta anos, pois que uma sólida amizade foi sendo construída e cimentada ao longo desse tempo. Poderão talvez alguns entender, dessa forma, que a análise que se segue não é totalmente isenta, mas corro esse risco na certeza de que a proximidade com o Autor e o Homem também me permitem comentar o contexto da sua obra de forma mais integrada.

Nascido na Galiza, Eduardo Pardo de Guevara chegou a Santiago de Compostela há pouco menos de vinte anos, depois de iniciar uma carreira docente na Universidade Complutense e passar depois para a de investigação, primeiro em Barcelona e depois em Madrid, com o encargo de assumir a direcção do antigo e prestigiado *Instituto de Estudios Gallegos «Padre Sarmiento»*, integrado no Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) e enquadrado pela Xunta de Galicia, e que então se encontrava num estado lastimável de inércia. Fui testemunha directa, ao longo desse tempo, da forma inteligente e firme como Eduardo Pardo de Guevara transformou o «Padre Sarmiento» numa peça chave da sociedade e da cultura galegas, bem como num dos melhores centros de Humanidades de toda a Espanha. Chefiando uma equipa de investigadores e colaboradores dedicados, conseguiu concretizar ou pôr em andamento projectos de investigação, de inventariação patrimonial, de divulgação editorial, de organização de congressos nacionais e internacionais ou de publicações, não deixando morrer uma das revistas mais emblemáticas sobre a Galiza, os *Cuadernos de Estudios Gallegos*, que se encontram numa fase decisiva de actualização.

Contando muitas vezes com o apoio central ou do governo regional, mas também lutando muitas vezes contra sérias adversidades e resistências, curiosamente até, por vezes erguidas por essas mesmas instituições, Eduardo Pardo de Guevara tem sabido levar a bom porto os seus programas de desenvolvimento cultural e científico, mantendo-se sempre num rumo de indiscutível verticalidade de princí-

pios éticos e de carácter, que são tanto mais de sublinhar quanto vão sendo cada vez mais raros. E é precisamente a conjugação de todo o seu labor profissional, enquanto Director do Instituto de Estudios Gallegos, com a sua paixão pela investigação sobre a Heráldica e a nobreza medieval galega, que nunca abandonou, que mais valorizam o conjunto de trabalhos que agora se apresenta.

Com efeito, uma das marcas mais profundas que um dia ficarão como memória do seu trabalho, é precisamente o seu empenho no estudo e na divulgação da Heráldica e da Genealogia, particularmente sobre o período baixo-medieval, *grosso modo* entre meados do século XIII e inícios do século XVI, incidindo de maneira muito particular na região da Galiza, mas também nas suas profundas – diria mesmo umbilicais – relações com o Norte de Portugal, razão acrescida para motivar uma leitura cuidada de uma boa parte dos seus muitos estudos e livros.

O Autor decidiu por isso recolher dezasseis dos seus estudos mais recentes, com cerca de 15 anos (entre 1996 e 2011), que reflectem de uma forma muito clara os seus gostos e também as temáticas que mais prenderam a sua atenção. De resto, e numa atitude que só posso louvar, alguns destes estudos resultam de uma reflexão mais aprofundada em torno de textos mais antigos, alguns deles produzidos inicialmente dez anos antes da versão agora publicada. Isto significa que Eduardo Pardo de Guevara soube questionar-se e, graças ao conhecimento de novos dados ou a um maior amadurecimento e reflexão, acabou por chegar a conclusões novas ou fundamentar de forma mais apurada ideias e interpretações anteriores.

Creio que é neste contexto que se devem entender os dois estudos iniciais, que o Autor propositadamente coloca na “Introdução”, dedicada a *La Genealogía, materia y disciplina*. Depois de na “Apresentação” ter explicado ao Leitor as motivações e a estrutura da obra, aparecem então esses dois textos, que acabam por ser extremamente pedagógicos, e ambos com a finalidade de apresentar a Genealogia como o fio condutor que une todos os textos da colectânea, sublinhando assim a enorme importância que aquela “ciência auxiliar da História”, como se diria há alguns anos, teve e tem para os Historiadores. No primeiro texto, intitulado “La materia genealógica en la literatura histórica medieval. La conformación de un género histórico” (pp. 19-31), oferece-nos uma útil reflexão sobre a evolução da produção genealógica ao longo da Idade Média, sublinhando a importância de alguns desses textos a par da própria cronística, e mesmo a influência que, por exemplo, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro de Barcelos* teve para as compilações genealógicas posteriores e ainda tem para a historiografia actual. No segundo texto, onde Eduardo Pardo de Guevara se interroga se “¿Es posible una nueva genealogía?” (pp. 33-44), somos confrontados com o velho dilema sobre as fronteiras das acima referidas ciências auxiliares, ou seja, são um mero instrumento ou podem ir mais além do que a sua especificidade técnica. Confesso que sou aqui tentado a afirmar a minha concordância com o Autor, ou seja, os estudos genealógicos devem ir mais além do que a simples reconstrução geracional das famílias, mas temo muito que nos queira colocar perante um falso problema. Isto é, quem exprime estas preocupações é seguramente o Historiador e não o Genealogista,

ambos assumidos por Eduardo Pardo de Guevara. O que é importante, desde o meu punto de vista, é que os genealogistas entendam a extrema importância das pesquisas que levam a cabo e da seriedade com que o devem fazer, uma vez que os elementos por eles recolhidos e trabalhados podem ser de uma enorme utilidade para múltiples áreas do saber histórico, desde a História Social até à Demografia, como o demostram os trabalhos mais recentes de vários historiadores que utilizaram os dados obtidos a partir de rigorosas reconstituições genealógicas.

A colectânea desenvolve-se depois em quatro partes, a primeira das quais, intitulada *Los linajes y sus signos de identidad*, integra três estudos da maior relevância pela forma como o Autor oferece uma caracterização da sociedade nobiliárquica galega a partir de diferentes abordagens. Assim acontece no primeiro desses três estudos, “De las viejas estirpes a las nuevas hidalguías. El entramado nobiliario galego al fin de la Edad Media” (pp. 46-70), onde de uma forma clara e fundamentada se oferece uma perspectiva diacrónica da nobreza galega, acompañada desde a época áurea dos séculos XII e XIII, onde pontificaram os Travas, os Limas e os Castro, até à afirmação de outras linhagens até então ofuscadas pelas anteriores, como os Sotomayor, os Deza ou os Ulloa, na passagem para o século XIV, ou mais ainda com a alteração dinástica de meados de Trezentos ou já no século XV, quando definitivamente se afirmam as anteriores ou despontam novos grupos de famílias, algumas mesmo projectadas a partir das oligarquias urbanas. Como pano de fundo, sublinha o Autor, com a gradual afirmação do sistema troncal ou linhagístico, ainda muito insipiente até ao final do século XIII, e depois mais claramente generalizado para o século XV, tal como se pode verificar em Portugal.

Seguem-se dois interessantes estudos, um sobre antroponímia, “Identidad y memoria genealógica. Una aportación al estudio de la antroponímia medieval gallega” (pp. 71-94), precisamente uma das áreas que mais podem beneficiar com as pesquisas genealógicas e que tem sido particularmente importante para o conhecimento da mentalidade medieval, tal como o tem demonstrado os vários estudos dirigidos, entre outros, por Ermelindo Portela ou Pascoal Martínez Sopena, ou ainda Iria Gonçalves em Portugal. Finalmente, em “De la aparición y primer desarrollo de las armerías en Galicia. Noticias, testimonios y comentarios” (pp. 95-119), surge uma das grandes paixões de Eduardo Pardo de Guevara, a Heráldica, ou não fora ele o mais prestigiado dos discípulos de Don Faustino Menéndez Pidal de Navascués, o renomado mestre dos estudos de heráldica medieval peninsular. Num texto acompañado pelos primorosos desenhos de Xosé Antón García González Ledo – e que de resto acompañam muitos dos outros artigos –, faz-se também uma análise da evolução da heráldica galega, particularmente vigorosa desde os finais do século XIII, e onde o Autor volta a destacar² a importância que tiveram as armas heráldicas das linhagens mais antigas e poderosas, como modelo dos gostos heráldicos posteriores.

² Tal como o fizera numa das suas obras mais destacadas, *Palos, fajas y jaqueles. La fusión de armerías en Galicia en los siglos XII al XVI*, Lugo, Diputación Provincial de Lugo, 1996.

A Parte II, intitulada *El orgullo, la memoria y la pretensión social*, congrega mais três títulos, situados todos no século final da Idade Média e entrando mesmo no século XVI, de acordo também com o facto de estarem dedicados ao acesso à nobreza por parte de membros das oligarquias urbanas. Com os sugestivos títulos de “Una ejecutoria de nobleza del año 1429. Transmisión de poder y signos ceremoniales” (pp. 123-174), “La memoria genealógica e el orgullo de linaje en un instrumento de 1509” (pp. 175-202) – onde se publicam os riquíssimos documentos que sustentam os respectivos estudos –, e “De burgueses enriquecidos... y ennoblecidos. Testimonios heráldicos de una pretensión genealógica (Siglos XV y XVI)” (pp. 202-232), ficam bem patentes os processos que marcam a promoção social de algumas famílias através dos “(...) *três estadios del consabido processo de encumbramiento – aspiración, imitación e integración*”.

A Parte III, intitulada *La parentela y el poder*, compreende cinco estudos, três dos quais de cunho mais marcadamente genealógico – “Osorio Eáns Gago y su descendencia. Noticia de un linaje galaico-miñoto de comienzos del siglo XIV” (pp. 257-280), “Los López de Lemos señores de Ferreira y Sober. El linaje y sus parentelas en los siglos XIII al XVI” (pp. 281-322) e “Los Garza de Castellón y el origen de los Quiroga. Anotaciones críticas” (pp. 323-362) – e outros dois, também com abundante matéria genealógica mas a merecer um comentário mais detalhado.

No primeiro, “De los Castro a los Enríquez e los Osorio. Prestígio, poder y memoria genealógica”, o Autor convida-nos, a partir da tenência e do condado de Lemos, a compreender a sequência das linhagens que desde o século XIII, ou mais concretamente desde o declínio e extinção dos Travas, assumiram o lugar cimeiro da aristocracia galega. Naturalmente que os Castro – linhagem por quem o Autor tem um afecto muito particular, já desde os longínquos tempos do seu doutoramento, cuja tese em boa hora foi mais recentemente publicada³ – tiveram um papel muito importante naquele contexto, tendo em conta a sua antiguidade e prestígio e também o poder político e senhorial que atingiram na Galiza, bem como as ligações privilegiadas que mantinham com a corte. Curiosamente, o envolvimento das últimas gerações da linhagem, cobrindo a centúria de Trezentos, nos conturbados tempos então vividos pela Coroa de Castela, e em particular a lealdade demonstrada mesmo para além da morte de Pedro I de Castela, acabaram por colocar em Dona Inês de Castro e em especial no seu irmão e conde de Arraiolos, D. Álvaro Peres de Castro, a sua posterior representação e descendência⁴, passando por fim o senhorio de Lemos para os Osório.

O segundo artigo que gostaria de comentar, “Parentesco y nepotismo. Los arzobispos de Santiago y sus vínculos familiares (Siglos XIV-XV)”, é do meu ponto

³ *Los Señores de Galicia. Tenentes y condes de Lemos en la Baja Edad Media gallega*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2000, 2 vols.

⁴ Neste sentido, ou seja, a proximidade continuada entre a nobreza galega e a nobreza portuguesa, em especial a do norte de Portugal, é também outra característica sublinhada em muitos destes estudos.

de vista um dos textos mais inovadores e metodologicamente mais fecundos que tive a oportunidade de ler no âmbito da historiografia peninsular sobre a nobreza medieval, quer aquando da sua publicação (2001) quer presentemente. Com efeito, Eduardo Pardo de Guevara, a partir do exercício de reconstituição das genealogias de um punhado de arcebispos de Santiago de Compostela, oferece aos seus colegas, genealogistas e historiadores, o exemplo mais consumado do que o próprio delinear no já comentado artigo “¿Es posible una nueva genealogía?”, ou seja, as reconstituições genealógicas elaboradas com o maior rigor e fundamentação documental proporcionam dados da maior importância para se analisar e interpretar aspectos que o historiador dificilmente poderá compreender sem esse trabalho prévio fundamental. Neste caso, e repito que o exemplo analisado deveria ser adaptado para outras dioceses, expõe-se uma densa trama de relações de parentesco que permitia às linhagens um controlo muito significativo das principais dignidades e cargos diocesanos.

Finalmente, a quarta e última parte, intitulada *El protagonismo y la confrontación*, é constituída por três trabalhos, todos muitíssimo interessantes, centrados em torno da História política e dos tempos mais que conturbados que precederam a chegada ao trono dos Reis Católicos e mesmo depois, nos difíceis anos de pacificação dos vários reinos, período que o Autor domina inteiramente, e que nos revelam diferentes etapas da participação da nobreza galega nesses sucessos. Parece-me justo sublinhar a maestria como Eduardo Pardo de Guevara nos introduz na célebre contenda entre o arcebispo Fonseca e a nobreza da “Terra de Santiago”, a partir da conhecida narrativa de viagem do barão de Rosmithal por terras Hispânicas, em “Fonseca, Moscoso ... y el Rey. A propósito de la acidentada peregrinación de León de Rosmithal, barão de Blatna” (pp. 407-432); ou a forma bem documentada e sistemática como nos apresenta os principais factos ocorridos em torno da célebre revolta com recortes anti-senhoriais iniciada no final da década de 1460 – “La rebelión irmandiña de 1467. Conexiones, hechos y documentos” (pp. 433-474) –, no quadro da guerra civil que opôs os partidários de Enrique IV de Castela e o seu meio-irmão D. Afonso (XII), conduzida pelos representantes das principais cidades galegas – mas também por alguns cavaleiros e fidalgos de segunda plana desejosos de benefícios ou animados por velhos despeitos –, cujas milícias levaram a cabo uma verdadeira campanha contra os castelos e as fortalezas senhoriais, do que resultou a destruição ou a ruína de muitas delas.

Finalmente, em “La pacificación de Galicia por los Reyes Católicos. El hecho que Zurita llamó «la doma y castración» del Reino de Galicia” (pp. 475-512), Eduardo Pardo de Guevara parte de um justo comentário sobre a maneira pouco ética como as fontes históricas do passado podem ser manipuladas para obter dividendos políticos nos tempos presentes, para introduzir o tema da tarefa colossal levada a cabo durante o reinado de Isabel I de Castela e de Fernando II de Aragão no sentido de pacificar os seus reinos, congregar vontades depois de décadas de instabilidade e de lutas intestinas. Nesse sentido, os Reis Católicos não podem deixar de ser considerados os verdadeiros promotores do estado moderno espanhol.

Em suma, caro Leitor, não posso deixar de recomendar vivamente a leitura deste conjunto de artigos – para além do mais reunidos num volume graficamente impecável e adornado por belos desenhos e úteis tábuas genealógicas – fundamentais para uma melhor conhecimento da medievalidade galega e, dessa forma, também importantes para uma compreensão mais global da Hispânia medieval.

José Augusto de Sottomayor-Pizarro
Faculdade de Letras/CEPESE – Universidade do Porto